

Encontros e desencontros

Magnific

Solteiros procuram conexões profundas. Aplicativos se reinventam para atender a expectativa do 'match' perfeito

ANA MILETTI*E DANIELE FELIX*

Uma nova onda de apps de relacionamentos está redefinindo a forma como as pessoas se conectam no ambiente digital, para além dos tradicionais aplicativos baseados apenas na aparência física. Priorizando desde afinidades intelectuais e interesses de nicho até dinâmicas como encontros intermediados por amigos ou foco em relacionamentos não monogâmicos, essas plataformas não convencionais desafiam o modelo saturado dos aplicativos tradicionais e atraem usuários que buscam interações mais genuínas, direcionadas e alinhadas aos seus estilos de vida.

O psicólogo Emerson Alexandre vê que a imersão digital alterou profundamente os relacionamentos. "Na internet, temos a capacidade de criar um perfil, algo que pode ou não ser real, mas que é facilmente alterado. Quando a pessoa vai a um encontro, por exemplo, muitas vezes vem uma frustração e uma decepção porque eu tenho que lidar com algo que não era aquilo que criei como expectativa".

Esse ciclo de escolher entre opções abundantes de parceiros, ter conversas rasas e sair em encontros frustrantes gera um desgaste mental dos usuários. Esse é chamado de dating fatigue (fadiga dos aplicativos), fenômeno impulsionado pela lógica de gamificação, que prioriza a busca infinita em vez do vínculo real.

À medida que a "fadiga dos aplicativos" se torna uma queixa comum entre solteiros desgastados pela superficialidade dos catálogos virtuais, a busca por alternativas mais autênticas ganha força no mercado global. Em vez de algoritmos genéricos, essas novas ferramentas operam como espaços de comunidade: seja por afinidade política, seja por ocuparem a mesma profissão.

Foi assim que surgiu a ideia do Catálogo dos Solteiros. Samantha Hewsen, em 2025, começou um negócio de fotos em bares da capital. Por suas andanças percebeu que as pessoas não tinham mais atitude para chegar nas outras e paquerar. "Eu passava pelas mesas e recebia pedidos para levar flores ou perguntar o nome, eu era como um cupido nos bares. Percebi que os aplicativos de relacionamento atrapalharam muito nessa questão do flerte ao vivo e nessa timidez das pessoas. Eu vi uma oportunidade."

Dessa forma surgiu o catálogo: um portfólio com as fotos dos solteiros, tiradas na hora, que rodam Brasília. "Tiramos a fotografia e pedimos para que as pessoas coloquem nome, alguma forma de contato, como Instagram ou WhatsApp, e a orientação sexual. essa foto fica por algumas semanas, e as pessoas que têm interesse podem olhar e ver se sente-se atraído por algum dos indivíduos disponíveis."

Esse processo analógico dá mais segurança às pessoas, explica Samantha. "Muitos participantes afirmam que se sentem mais confortáveis com essa interação mais controlada. O estresse causado pelos apps é muito maior do que nessa dinâmica do catálogo, porque não há tamanha exposição. É algo mais natural."

Impacto mental

Nesse sentido, as dinâmicas desaceleram comportamentos que podem ser nocivos aos usuários de aplicativos. O psicólogo de casais Antonio Miranda expõe que, quando o app deixa de ser escolha e passa a ser regulação emocional obrigatória, a relação com essa ferramenta se torna tóxica. "Somam-se sofrimento após o uso, checagem compulsiva, valor pessoal atrelado a métricas, abandono de conversas que pedem vulnerabilidade e prejuízo funcional."

Diante desse cenário de desgaste mental, até mesmo os gigantes da tecnologia passaram a se reinventar, com ajustes às dinâmicas. É o caso do Hinge, aplicativo que se posiciona de forma provocativa como plataforma 'feita para ser deletada'. Em vez do deslizar infinitamente, o app aposta em propostas que exigem respostas a perguntas pessoais e interações com conteúdos específicos. A ferramenta "prazeres simples da vida" é a mais utilizada em descrições dos perfis, e a que mais gera novos matches e conversas. Ao perceber que já tem algo em comum com outro usuário, fica mais fácil desenvolver um bate-papo baseado em interesses comuns, sem passar pela conversa que quase se torna uma entrevista no primeiro encontro.

Os altos e baixos

Usuário por cinco anos dos aplicativos tradicionais de paquera, Rafael, nome fictício do vendedor de 33 anos, teve sua mudança para Brasília como motivação para baixar o app — uma facilidade para conhecer novas pessoas e buscar novos relacionamentos. "Por eu ser novo na cidade e não sair muito, achei uma boa alternativa. Vivi muitas histórias diferentes, e essas experiências mudaram a minha forma de me relacionar."

Como destaque de suas aventuras, o vendedor menciona um encontro que o fez suspeitar de golpe. Desde o início da conversa com uma moça, desconfiou que seus assuntos eram compatíveis com alguém